

# ZARATUSTRA COMO EDUCADOR: *pedagogia do discurso vivo*

*Marco Tulio Cunha Vilela*[\[1\]](#)

*Sertório de Amorim e Silva Neto*[\[2\]](#)

Nietzsche, Zaratustra, Narrador, Discurso, emancipação

## **I**ntrodução

Vivemos num período histórico onde o homem vivencia a realização das distopias, onde o absurdo, antes visto com metáfora literária da condição humana, hoje é o adjetivo que mais exprime a nossa sociedade atual. Acreditava-se que a razão libertaria o homem, que ela o levaria ao esclarecimento, no entanto ela tornou-se instrumental reduzindo seu valor a sua aplicabilidade operacional. Aquela cultura decadente a qual Nietzsche alertava tornou-se ainda mais potente. A técnica dominou a vida, dominou o homem e hoje este é um autômato. Vivendo sob os privilégios de uma sociedade produtiva do ponto de vista material, que provê tudo àquele que trabalha, o homem, hoje tem a necessidade de se libertar do excesso. Tal tarefa torna-se quase impossível, dado que o indivíduo perdido em meio aos meios de produção não consegue se enxergar como senhor de si. É apenas um meio, uma ferramenta, um “empreendimento” o qual o discurso cotidiano o impele o tempo

inteiro a se atualizar, a se investir de ideologias que o farão proliferar e ter sucesso numa vida que o exclui de suas próprias vivências.

Se já nos primeiros anos do século passado os críticos da Escola de Frankfurt estavam receosos sobre os caminhos que a sociedade estava trilhando e sobre como o homem estava perdendo a autonomia em traçar um novo rumo que fosse evidentemente mais libertário, hoje em dia tal preocupação é ainda mais alarmante, dado o fluxo com que as coisas são produzidas, consumidas e descartadas. Somos escravos de uma cultura que se mantém sob a égide de uma liberdade, utilizando termos aristotélicos, potencial (ou virtual), mas nunca atual. Exatamente porque o indivíduo contenta-se em saber que ele está suprido em pão e circo, que o seu entretenimento está garantido e que, conquanto ele trabalhe, nada lhe faltará.

Neste sentido cabe-nos perguntar: como libertar o homem? Como nós, educadores, podemos intervir nesse processo de alienação? Teremos chance de romper um sistema contínuo que, nos termos de Bauman (2001), é líquido, que abrange toda a sociedade e transforma tudo o que toca, inclusive as ideias contrárias?

Para responder a estas perguntas é que nós propomos nosso trabalho. Acreditamos que para devolver a lucidez do indivíduo numa época histórica como a nossa é preciso reestruturar o discurso. Dado que vivemos dentro de uma realidade que toma a representação do mundo como a própria realidade em si através da palavra, é preciso, pois recuperar o mundo real que se tornou opaco, transparente, metafísico de mais.

Faz-se necessário recuperar a dimensão da vida onde o homem estava em contato com o mundo, onde o discurso servia para afirmar a vida e não afastá-la. Apelar para a experiência, para

a sensibilidade e o contato com o outro, legitimando a vida não pela sentença de palavras que demonstrem a lógica da ordem do mundo, mas pela linguagem que quebra o contínuo do mesmo e invoca a existência singular de cada indivíduo.

No sentido mais profundo e íntimo, para sermos bons educadores é necessário que antes saibamos intercambiar nossas próprias experiências. E para que saibamos narrar e transmitir nosso saber a alguém é necessário antes de tudo que saibamos sentir, experimentar e viver. Nos colocando num contato imediato com o mundo, nos despidendo das ferramentas lógico-metafísicas e da abstração das palavras. Assim nos utilizaremos de Zaratustra, personagem de Nietzsche, como exemplo de educador. Demonstraremos como ele recupera a dimensão pedagógica da fala, fazendo com que seu discurso e sua palavra seja sempre viva.

### **PEDAGOGIA DO DISCURSO VIVO**

Uma das formas mais antigas de experiência é a narrativa. Fundamental para o processo de estabelecimento da cultura grega como berço do ocidente, a narrativa tinha o papel de transmitir os saberes e as tradições numa época em que a escrita ainda não era consolidada, enquanto forma de perpetuar e gravar conhecimento. O conhecimento oral tinha um papel pedagógico e formador do caráter do homem do mundo helênico e era responsabilidade dos mais velhos transmiti-lo aos mais novos, os quais eram repassados geração após geração, estabelecendo assim uma cultura em que a voz da experiência dava a forma do caráter dos mais novos e os conectava com sua história.

Por conseguinte, Vernant afirma que através dos poetas os cidadãos gregos serão apresentados ao mundo

*estranho e distante” dos deuses. Assim a praça, o “espaço público, era o local onde os cidadãos iam para ouvir os poetas declamarem os feitos dos deuses. Porém não se tratava de divertimento, mas de “uma verdadeira instituição que serve de memória social, de instrumento de conservação e comunicação do saber, cujo papel é decisivo. (VERNANT, 2006. pág. 16).*

O narrador, aquele que possuiu a habilidade de manejar a linguagem a fim de intercambiar experiências e de suscitar a imaginação para que ela pinte um quadro de imagens não vistas pelo ouvinte é o homem que um dia experienciou as mais diversas aventuras e situações e que volta para casa com muito para contar. Com o passar do tempo ele envelhece e sua fala ganha ainda mais substancialidade dada a sua vivência (BENJAMIN, 1985). Quanto mais vivido um homem, quanto mais viajado e experiente, mais apto a narrar suas aventuras ele era. Era.

No entanto nossa sociedade perdeu essa capacidade de intercambiar experiências, de transmitir as aventuras fantásticas que esperavam àqueles que ousassem conhecer o mundo, que ousassem sair de suas casas e empreenderem as suas próprias odisséias. A palavra começa então a perder sua conexão com mundo, o saber exprimido através de uma sensibilidade com a natureza esfarela-se mediante ao horror da primeira guerra mundial, como reflete Walter Benjamin:

*Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha*

*em comum com uma experiência transmitida de boca a boca".*  
(BENJAMIM, 1985)

Se a guerra emudeceu o homem o que o levou a ela tornou-o alienado e por isso permitiu que ela fosse possível. A menos de três décadas antes de eclodir a primeira guerra mundial Nietzsche alertava para a cultura decadente que estávamos afirmando. Alertava para os perigos de continuar seguindo num caminho onde um pensamento positivista tomava ares mais altos e através dele legitimava seus passos envenenados. Na esteira do progresso científico Nietzsche criticou a filosofia que se fazia valer do conceito como a própria realidade. Mas o conceito é na verdade preconceituoso e se faz mediante a negação da multiplicidade e do fluxo da natureza, conclamando uma realidade abstrata e uniforme. *"A desconsideração do individual e efetivo nos dá o conceito"* (NIETZSCHE, 1996, pág. 56) denuncia Nietzsche, de modo que julgamos o mundo através da própria ideia do mundo, num esforço antidialético que nos retira da realidade e nos lança num reino metafísico de formas vazias provenientes do nosso arbítrio e não da experimentação da essência da Natureza. A linguagem, enquanto um conjunto de conceitos, perpetuou através da cultura o afastamento do homem da realidade, a depreciação do mundo verdadeiro como uma "antítese" da vida. O além, o reino dos ideais, tornou-se o mundo almejado e o asceta o modelo de homem virtuoso a ser alcançado. O homem foi amansado *"ele se tornou em 'pecador', ele estava na jaula, haviam-no trancado entre puros conceitos apavorantes"* (NIETZSCHE, 1996, pág. 380), diz Nietzsche.

*O homem abnegou a vida, por meio da contemplação do seu desejo em interromper o sofrimento se tornou aceta, se viu pecador e por fim resignou-se, aceitando a imposta ordem do mundo moral como*

*definitiva. E pela preguiça, pela inercia se esconde, conforma em agir segundo rebanho, mesmo tendo a consciência de que não retornará a essa existência, mesmo sabendo que tal singularidade jamais será repetida novamente. Porém é mais fácil nos acostumar com a organização das coisas tal qual elas nos são impostas, renunciar à própria vontade e nos apegar a uma ideia de "Eu" inventada pela convenção. Só assim o homem ordinário suporta o fardo, acredita estar vivendo por si mesmo, construindo e edificando uma individualidade baseada na sua própria alienação. Nietzsche alerta: pois tua essência não jaz profundamente oculta em ti, mas imensamente acima de ti ou ao menos sobre aquilo que costumeiramente tomas como o teu eu. (GIACOIA, 2012, pág. 181).*

Neste sentido, para recuperar aquela dimensão primária da existência que se dava através da experimentação do mundo pelo homem diretamente é necessário antes do tudo que o indivíduo rompa com a ordem habitual das coisas, abandone as formas estabelecidas e se estranhe consigo mesmo. Tornar o sofrimento uma necessidade, a falha e a decepção como inerentes do processo pedagógico da vida, que instrui o homem a amar a vida como constante superação de si mesmo. Pois os discursos habituais, na intenção de nos institucionalizar e de abrandar o fardo nos tornam em meros meios, em simples instrumentos de reprodução. Mas

Nada disso és tu mesmo. Ninguém pode construir para ti a ponte sobre a qual precisamente tu tens de passar sobre o rio da vida, ninguém além de ti mesmo. Decerto há inúmeros atalhos e pontes e semideuses que te querem carregar através do rio; mas apenas ao preço de ti mesmo; tu te darias em penhor e te perderias. Há no mundo um único caminho que ninguém pode trilhar além de ti: para onde ele conduz? Não perguntes, prossegue. Um homem jamais se eleva mais alto quando não sabe para onde seu caminho

ainda o pode conduzir. (NIETZSCHE, pág.340 apud GIACOIA, 2012, pág. 179).

Nesta última passagem (presente nas *Considerações Extemporâneas* escrita em 1873) reencontramos um princípio que Nietzsche voltará a utilizar em *Zaratustra* dez anos mais tardes. A imagem do andarilho, do homem que percorre a terra sem saber para onde seu caminho o conduz. *Zaratustra* é o andarilho, o homem sem casa, que se põe em meio a Natureza, para através de sua própria experiência alcançar seu próprio esclarecimento.

*Assim Falava Zaratustra* é uma obra de filosofia, mas que contém uma estética completamente diferente das demais obras de filosofia, sobretudo as de seu tempo. Nietzsche a apresenta em forma de Narrativa, recuperando aquela dimensão do intercâmbio de experiências. *Zaratustra* não é um homem lógico, não se utiliza de um método de ensino, não sistematiza o seu pensamento. Muito pelo contrário a sensação que Nietzsche nos passa ao narrar as aventuras e desventuras de seu personagem é a de que ele está por aprender, que ele não alcança um determinado, mas que por estar inserido dentro de um fluxo de experiências a certeza não existe e a única necessidade é o amor à vida, a disponibilidade em aprender incessantemente.

Nietzsche quebra com o contínuo filosófico. Quebra a palavra lógico-conceitual e reestrutura o saber filosófico através do discurso vivo que invoca o outro tocando a sua alteridade. *Zaratustra* ensina, mas somente ao passo que também aprende, porque também está inserido dentro do jogo, porque ora perde, ora ganha e desse modo não se distancia de seu ouvinte, não se coloca em um lugar superior, não transcende e não fala de cima para baixo, mas constantemente invoca o outro ao seu lugar de narrador, de conselheiro da vida.

*Assim falava Zaratustra* se divide em quatro partes e um prefácio, o qual serve para introduzir o objetivo do personagem: a superação de si. Neste sentido é interessante observar como Nietzsche constrói o caráter do personagem. As informações que ele nos dá a respeito do passado de Zaratustra são somente a sua idade, 30 anos, e seu nome. De resto, Zaratustra permanece como um grande mistério, um fantasma. Tal artifício não é colocado de maneira arbitrária, mas muito pelo contrário, o fato de Zaratustra não ter um passado remete a um preceito que Nietzsche abordou dez anos antes nas *Segundas Considerações Extemporâneas: da utilidade e desvantagem da história para vida*. Nelas Nietzsche reflete sobre a importância do homem se colocar  $\alpha$ -historicamente pela necessidade de se afastar da história para ser capaz de criar a realidade e se criar sem que se fundamente num passado que delimite o possível criativo. Assim Zaratustra sem passado, é esse homem  $\alpha$ -histórico, que se coloca como consciência subjetiva fora do tempo linear para habitar uma dimensão em que não esteja limitado pela objetividade dos fatos. No entanto, o fato de que ele se ponha  $\alpha$ -historicamente, não significa que ele se mantenha indiferente aos acontecimentos históricos do seu tempo, mas muito pelo contrário, ele permanece ligado as necessidades políticas e culturais de seu tempo, de modo que as suas criações e seu agir incidam sobre os problemas correntes.

Neste sentido, nós como educadores, devemos também estabelecer esse duplo movimento. Caso contrário, se permanecermos acoorrentados a solidez dos fatos históricos corremos o risco de jamais instigarmos nossos educandos a produzirem, a criarem, sobretudo a sua própria visão de realidade, condenando a tarefa de *vir-a-ser* a um impasse, minando a possibilidade de emancipação verdadeira. O que Nietzsche critica é sobretudo a reprodução, seja ela sobre a forma de cultura e



filosofia, que perpetua as mesmas significações, sem que se invista em novas releituras do mesmo, em novas possibilidades de se colocar o que está dado.

Colocando-nos fora do tempo, sendo intempestivos (ou extemporâneo), nos relacionamos de fora com o fora, estando descentralizados de qualquer determinação, destituídos de qualquer cosmologia, de modo que o caos desorganizado, agora possa ser repensado novamente.

*Pois há uma grande diferença entre destruir para conservar e perpetuar a ordem restabelecida das representações, dos modelos e das cópias e destruir os modelos e as cópias para instaurar o caos que cria, que faz marchar os simulacros e levantar um fantasma – a mais inocente de todas as destruições, a do platonismo. (DELEUZE, 1998, pág. 271)*

Prosseguindo, esse *homem sem passado*, tem a intenção de descer até a cidade para levar o fogo até os homens. O fogo é o símbolo do devir, da transformação e do *logos*. *Zaratustra*, após um período de dez anos de reclusão, acumulou demasiado mel, demasiado saber doce e pretende compartilhá-lo com os homens. Percebe-se aqui que *Zaratustra* não leva qualquer discurso, não leva qualquer palavra aos homens, mas uma palavra viva, um discurso que comporta sobretudo a multiplicidade, a oposição e a transformação. É algo doce, nutritivo. É um discurso vivo adquirido sobretudo da experiência do “abandono da sua pátria e do lago de sua pátria” (NIETZSCHE, 2010). Ou seja, é necessário abandonar o conforto, pôr-se a fora, pôr-se a nadar no fluxo tempestuoso do rio da vida e não mais na tranquilidade do lago de casa. Assim a consciência que experimenta a exterioridade retém em si a diferença, o múltiplo e o contraditório, fazendo uma reestruturação

daquilo que continha e que agora, sobre uma nova significação, volta como inteiramente outro. A palavra não mais delimita, o discurso não mais comporta nem conforta, mas despersonalizado de qualquer pretensão egoísta, ele se esparrama pelo tecido da realidade e se conecta as mais diversas pluralidades que compõem a nossa linguagem.

Nos inserindo dentro do fora, uma contradição por si só, nos comprometemos com a eterna necessidade de não mais repousar, de não estabelecer morada, mas de sermos constantemente andarilhos, com a condição de que se fizermos uma parada demasiada longa podemos relaxar os sentidos e nos apegar àquelas "verdades eternas" novamente. É por isso que, como afirma Blanchot:

*Não há reconciliação dos contrários; oposições, contradições não repousam numa síntese, superior, mas se mantem juntas por uma tensão crescente, por uma opção que é ao mesmo tempo escolha exclusiva e escolha da contrariedade. Essa contestação não é apenas um ato intelectual. Na própria vida de Nietzsche, a negação tentada se realiza constantemente, e o que é negado, em vez de ser rejeitado como uma possibilidade, vazia e morta, que não lhe diria respeito, é, ao contrário, sentido e vivido como real. Assim, ele foi tudo aquilo que combateu: "Mesmo que eu possa criar e amar, devo em breve me tornar adversário disso, devo me opor ao meu amor". (BLANCHOT, 2006, pág. 300)*

Pois tudo aquilo que um dia foi iconoclasta pode vir a ser ídolo. A autonomia do livre pensar impõe esse risco, todo discurso pode vir a sistematizar-se, e por isso é preciso manter "os olhos abertos para tudo o que propriamente se passa no mundo... tem de

haver nele próprio algo de errante, que encontra sua alegria na mudança e na transitoriedade". (NIETZSCHE, 1998, pág. 99)

E para alcançarmos essa "alegria na mudança e na transitoriedade" (NIETZSCHE, 1998) é necessário que nos transmutemos em crianças. No primeiro discurso da primeira parte do livro *Zaratustra* nos fala das três metamorfoses: de como o espírito se transforma em camelo, depois leão e, por fim, em criança. A criança é o símbolo do homem inocente, da atividade lúdica, que cria e destrói, da vida pela vida, ausente as determinações morais, pois ela é *santa afirmação e esquecimento*, capaz de ver o mundo sempre de maneira inteiramente nova. A criança não domina a linguagem, e caminha por ela quase que de maneira intuitiva, não se preocupando com a ordenação ou com o sentido lógico das coisas. Tudo que ela assimila só se acomoda (usando os termos de Piaget) na medida em que é significativo. Logo, nós como educadores devemos recuperar nossa dimensão infantil onde não éramos determinados pelos costumes da nossa cultura, onde jogávamos o jogo da vida em que imaginávamos realidades impossíveis que eram inteiramente concretas sem nos preocuparmos com a verossimilhança das nossas representações. Transmutar-se em criança é recuperar a sensibilidade fundamental com o mundo e reaprender a ver e, sobretudo, ouvir a linguagem do mundo, que, conquanto estejamos fechados em nossas próprias cavernas, nunca ouviremos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A possibilidade de uma pedagogia verdadeiramente emancipadora que eleve o indivíduo a autonomia do pensar só é possível mediante a experiência exterior as representações habituais, num esforço que nos recoloca mediante o fluxo das vivências abarcando o múltiplo e o diferente. Se hoje em dia somos

surdos ao relato da vivência experiente dos idosos é porque nossa sociedade caminhou numa direção em que nos fechamos em nossas próprias cavernas, nos trancamos dentro de um ciclo de representações que acabou por tornar a fala despossuída de profundidade, nos apegando a modelos instituídos que perpetuam o distanciamento do outro.

É preciso, pois, distanciarmos e pegarmos impulso para podermos então voltar com toda a potência de um discurso latente, infixável, que cria sempre novas significações e se conecta com todo um conjunto de outras. Zaratustra não é um modelo, pois mataria a proposta nietzschiana, mas um poeta que prega com o exemplo e exorta não a imitação, mas a caminhar junto.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. Tradução de: Plínio Dentzien.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985. Tradução de: Sergio Paulo Rouanet.

BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. (Estudos). Tradução de: Luiz Roberto Salinas Fortes.

FROMM, Erich. **A arte de amar**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Tradução de: Eduardo Brandão.

GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche x Kant: Uma disputa permanente a respeito de liberdade, autonomia e dever**. São Paulo: Casa do Saber, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra: Um livro para todos e ninguém**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção textos filosóficos). Tradução e notas explicativas da simbólica nietzscheana: Mario Ferreira dos Santos.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza.

NIETZSCHE, Friedrich. **Nietzsche: Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os pensadores).

VERNANT, Jean-pierre. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2006. Tradução: Joana Angélica D'Avila Melo.

---

[1] Graduado em filosofia pela Faculdade Católica de Uberlândia e mestrando em filosofia pela UFU, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. E-mail: mtulio0507@hotmail.com

[2] Doutor em filosofia pela USP. Professor permanente do instituto de filosofia da UFU, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. E-mail: sertorioneto@gmail.com